

A história mostrará 2020 como o ano em que um parasita - o Coronavírus - obrigou o mundo a ficar em casa

Cenas do cotidiano dos lares em quarentena



1 - As paredes são dos pequenos

Segundo o dicionário Aurélio, VIRUS é um agente infeccioso muito diminuto. Visível apenas ao microscópio eletrônico, sem metabolismo próprio, **tem a necessidade de parasitar células vivas, portanto é um parasita.**

Por esta razão, não é correto usar a expressão “matar o vírus”, pois não são considerados seres vivos. O nome oficial do Coronavírus - é *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*, ou mais simplificada SARS-CoV-2.

Este vírus invade células do trato respiratório através da interação das

proteínas dos espinhos (proteína S) com um receptor para a angiotensina 2 (ACE2) nas células humanas, com auxílio de uma proteína da membrana com ação protease.

Como o envelope viral é composto de uma bicamada de fosfolípidios (envelope de gordura), usamos o sabão e o álcool 70% para remover o envelope e também desnaturar os ácidos nucleicos, inativando o vírus.

Leia mais em www.ufrgs.br/microbiologando/voce-sabe-o-que-e-um-virus



2 - Entre uma refeição e outra, a mesa da cozinha é usada para estudar com a ajuda do pai.

Na casa da Família Rossi (fotos 2 e 3), todos os espaços foram transformados em “sala de aula”.

O pai Valcir, além de compartilhar o computador da empresa de representação com os três filhos, auxilia a filha a fazer as atividades do primeiro ano.

Ao mesmo tempo, em outro compartimento da casa, a mãe que é professora da rede municipal, se

2 - No computador compartilhado pelo pai, o irmão mais velho auxilia o menor a fazer as atividades de ensino remoto



familiariza com a tecnologia, prepara e posta nas salas de aula virtuais, as atividades para suas turmas de séries iniciais do EF no computador recebido da Secretaria de Educação.

As casas foram transformadas em sala de aula remota. Pais, estudantes e professores estão se reinventando para manter minimamente o ritmo da aprendizagem. Após 40 dias de isolamento social, todos aguardam ansiosos pelo retorno das aulas presenciais.

“Foi um susto para todos”, declarou a secretária da educação de Joinville, Sônia Fachini

Leia mais nas pág. 4 a 7

Um telefonema e o orgulho de ser brasileira

Eu ainda estava no quarto fazendo os exercícios diários de alongamento, quando o telefone tocou. Na tela um número desconhecido. Alguns segundos depois, uma voz gravada identificava a chamada como sendo do Ministério da Saúde.

Nos primeiros segundos um turbilhão de perguntas passaram por minha cabeça. Por que eu? Será que tem alguém contaminado no meu prédio, ou no meu bairro? Será que eles sabem que quebrei a quarentena e fui almoçar com uma amiga que também está sozinha em casa há um mês?

Trinta segundos depois a voz começou a perguntar se eu tinha tido febre alta, coriza ou tosse nos últimos dias. E, aquela máquina aguardava a minha resposta que tinha de ser SIM ou NÃO. Acho que tinha problema de surdez, ou seria a minha dicção?

No momento exato em que respondi a primeira pergunta, com um sonante NÃO, o medo desapareceu. A desconfiança de que poderia ser um golpe e a estranheza de receber uma ligação da máquina governamental do Ministério da Saúde, deu lugar à quase certeza, de que pela primeira vez em mais de 1/2 século de vida, alguém do governo estava interessado na minha saúde. Foi tranquilizador.

Então lembrei que havia recebido a informação de que 125 milhões, dentre os 210,1 milhões de brasileiros, habitantes dos 5.570 municípios, receberiam tal ligação. Eu era uma das 125 milhões. O objetivo era rastrear casos de Covid-19, detectar as zonas de contaminação e identificar como os casos se alastram pelo território nacional.

Ou seja, eu sou um número que interessa ao meu país. Sou um número como é cada um dos mais de 5000 brasileiros mortos

pela doença. Respondidas as perguntas encorajei-me a seguir adiante e percebi que estava com mais medo do que devia.

Um medo quase paralisador, que me defendia sim, porque me orientava a colocar máscaras, levar álcool gel comigo sempre que ia ou supermercado, único local visitado por três semanas e lavar as mãos constantemente. Além de higienizar inclusive os pacotes dos alimentos comprados no mesmo dia.

Responder as perguntas foi como disser a mim mesma que eu estava saudável, pronta para continuar em casa a preservar minha saúde e a das demais pessoas. Percebi que o medo da contaminação estava quase me paralisando. E que eu estava fechada em casa não somente por mim, mas pelas demais pessoas.

O fato de morar sozinha, ter saúde física e mental e plano de saúde, deveria deixar-me tranquila, pois em caso de necessidade, seria atendida em hospital particular. Onde há mais leitos disponíveis do que clientes precisando. Embora tenha sido nos hospitais particulares as primeiras mortes na cidade de Joinville. Provavelmente foram os viajantes endinheirados que trouxeram a doença em suas bagagens vindas do exterior.

E o isolamento social era para diminuir a curva e garantir atendimento a todos os que tivessem necessidade de UTI e, principalmente, de respiradores. Naquele dia, como até hoje, não há qualquer medicação, ou protocolo de atendimento que garanta ou mesmo minimize, o risco de morte de infectados, independente da idade, escolaridade, classe social ou religião...

Apesar de milhares de cientistas mundos afora dedicarem 100% de seu tempo e

energia em estudos sobre a doença, pouco se tem. A cada dia, em cada país, para cada paciente, novos sintomas e muito diferenciados vão surgindo.

Uma destas mudanças se deu nos próprios sintomas. A febre alta, por exemplo, não aparece em grande parte dos pacientes brasileiros, mesmo os que já tenham grande comprometimentos do sistema respiratório. A perda do olfato e do paladar é um dos primeiros sintomas em solo brasileiro, e noutros países, sequer foi mencionada.

O Brasil tem o SUS, um sistema de saúde que atende a todos igualmente. E, exatamente por esta razão, uns precisam cuidar dos outros. Foram, provavelmente, os ricos e trabalhadores que viajaram para o exterior ou tiveram contato com pessoas de lá, que trouxeram o vírus para o Brasil. Mas TODOS estão fazendo quarentena para tentar achar a curva e poder dar tratamento digno e enterro decente a todos os cidadãos.

Em Santa Catarina, começamos cedo e o sistema não colapsou. No estado, o maior número de infectados está em Florianópolis. Por cumprir as regras de distanciamento social, pudemos assistir de longe o caos em cidade como Manaus, Belém, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo.

Acredita-se que em meados de maio comece a surgir os primeiros protocolos, medicamentos e até vacinas minimamente seguras para tratamento da doença.

O rigor das pesquisas científicas, especialmente na área de saúde, faz com que apesar das centenas de cientistas estarem estudando o Covid-19, exatamente por sua natureza mutativa de vírus, os medicamentos demorem a ser reconhecidas como seguros para

uso por humanos.

Dias depois do telefonema, assisti a uma transmissão ao vivo de brasileiros que foram resgatados na Índia. Eles reportavam o mesmo sentimento, o mesmo orgulho de ter sido cuidado por seu país. Relataram também que na Índia, país com um milhão de habitantes, o lockdown é horizontal, ou seja, completo.

O governo dá comida para as pessoas que não tem como comprar, para que fiquem em casa. Os que tem dinheiro para comprar, precisam de autorização especial e com tempo limitado, de 15 a 20 minutos, para fazê-lo e são duramente fiscalizados neste período.

A rotina de permanecer em casa, usar máscaras para se proteger e para proteger os outros é uma realidade em todo o mundo.

E o sentimento de estar sendo cuidado por seu país faz nascer no cidadão a certeza de que, independente da pessoa que estiver no governo, vamos amar e reconhecer o país como pátria, se e somente se, formos cuidados e efetivamente nos sentirmos importantes para nossa Pátria Amada.

Não importa o que o presidente, o senador, o deputado, o governador, o prefeito, o vereador, o produtor de fake news, o jornalista de notícia confiável, o policial dizer ou fizer, se não nos sentirmos cuidados por nosso país, não nos orgulharemos de ser cidadão brasileiro.

Não importa se o cuidado que recebemos foi um simples telefone ou um lanche seguido de viagem para retornar para casa, o importante é ter a certeza de que seu País se preocupada verdadeiramente com sua saúde.

OPINIÃO DO LEITOR

Por Rodrigo Berté

Há mais de sete séculos convivendo com armas biológicas invisíveis

O dia em que a Terra parou. Um trecho da música do saudoso Raul Seixas — antiga, mas bem atual para o momento que estamos vivendo. 13 de abril de 2020, dia em que escrevo este artigo, em um lugar bem especial, que é fonte de inspiração sempre, próximo do mar.

Após muitas pesquisas e obras relacionadas, resolvi fazer este ensaio e falar um pouco sobre o quanto nos séculos que já se passaram convivemos com inimigos invisíveis a olho nu.

Um exemplo bem conhecido foi a chamada peste negra, ou peste bubônica, que teve início por volta de 1330, na Ásia Central e Oriental. A bactéria *Yersinia pestis*, que tinha a pulga como hospedeiro, começou a infectar humanos que eram picados por esse inseto. A peste espalhou-se rapidamente. Em menos de 20 anos estava em vários países, dos quais a Inglaterra sofreu uma grande baixa. A população era de 3,7 milhões de pessoas antes da peste e 2,2 milhões depois dela. Na Itália, a cidade de Florença perdeu 50 mil de seus 100 mil habitantes. Até a família Médici, que governava a cidade, passou por essa epidemia.

Outro caso que pesquisei que chama muito a atenção aconteceu em 1520, uma

frota espanhola deixou Cuba a caminho do México. Junto com ela estavam cerca de 900 soldados, além de alguns escravos. Um dos escravos, sem saber, levava em suas células uma bomba-relógio biológica, o vírus da varíola. Após o desembarque, a doença começou a se multiplicar. O paciente inicial começou a ficar febril, com várias erupções em sua pele, até que uma família resolveu abrigá-lo. Infelizmente, ele infectou a família, que acabou infectando os vizinhos e, assim por diante, a população como um todo.

A esquadra espanhola chegou em março, quando o México tinha 22 milhões de pessoas. Alguns meses após a contaminação inicial, em dezembro, a população caiu para 14 milhões de pessoas. A varíola foi apenas o primeiro golpe. Enquanto espanhóis exploravam os nativos, ondas de gripe, sarampo e doenças infecciosas varreram a região, seguidos de outros casos séculos à frente, como foram a gripe espanhola, o tifo, a sífilis, entre outras doenças.

Neste século mesmo já passamos por muitas, como a SARS (síndrome respiratória aguda grave) em 2002; a gripe aviária, em 2005; a gripe suína, em 2009; e o ebola, em 2014.

Não há muita diferença do que vivemos atualmente com o COVID-19: muitas mortes, informações desconstruídas, a ciência colocada à prova, e os hábitos de higiene — tão

bem indicados no início do século passado, na gripe espanhola — tomando força como na época, além do isolamento social.

Essa pandemia é democrática: mata rico, mata pobre, mata líder, mata povo. E é o que temos acompanhado na imprensa internacional, como o caso do primeiro-ministro do Reino Unido.

Seremos a geração que vai contar essa história para muitos que virão depois de nós. E deverão ficar alguns exemplos importantes do cenário frágil atual. Devemos respeitar e atender as demandas das autoridades sanitárias.

Esperamos que as decisões que venham a ser tomadas sejam feitas por meio do campo da ciência e não no campo político. Ou seja, muitos governantes não vão querer ser lembrados na história pelos óbitos nas suas cidades, seus estados e seu país.

Por outro lado, o enfrentamento da recessão econômica será outro grande desafio após a pandemia. Não apenas no Brasil, mas no mundo.

*Rodrigo Berté é diretor da Escola Superior de Saúde, Biociências, Meio Ambiente e Humanidades do Centro Universitário Internacional Uninter. Utes at alit, inciis net eratiur, illenimosam reheni alic te nit,

EXPEDIENTE

Ano XXXIII - Nº 326
Março - Abril 2020

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC

Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164 (Impresso)
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: Grafinorte
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

UNICEF lança podcast diário para crianças estudarem em casas

"Deixa que Eu Conto" vai levar histórias, brincadeiras e atividades a crianças e famílias de todo o País, via rádio e internet, contribuindo com o direito de aprender, em tempos de coronavírus

unicef | para cada criança



Programa está disponível para ser reproduzido livremente inclusive por emissoras de rádio

No Dia da Educação, 28 de abril de 2020, transcorrido com os estudantes em casa cumprindo instruções de isolamento social, o UNICEF Brasil lança o podcast diário Deixa que Eu Conto. Direcionado para crianças e suas famílias, em tempos de coronavírus, o projeto tem como objetivo fazer com que todas as crianças, em especial as mais vulneráveis, tenham acesso a atividades que permitam a continuidade das aprendizagens em casa, complementando as atividades que escolas e professores já estão disponibilizando para o estudo remoto.

Todos os conteúdos são gratuitos e estão disponíveis no Spotify, no YouTube e no site do UNICEF. Eles também serão disseminados para rádios de todo o País e compartilhados via WhatsApp, contribuindo para garantir às crianças o direito de aprender.

Deixa que Eu Conto é voltado para crianças que estão em idade de frequentar a pré-escola e em processo de alfabetização (anos iniciais do ensino fundamental). Os episódios são apresentados pelas contadoras de história Carol Levy e Kiara Terra e trazem histórias, brincadeiras e atividades. Todos os episódios foram pensados com foco no desenvolvimento infantil, trazendo conteúdos diversos que podem ajudar crianças e famílias neste momento de isolamento social.

Ao apostar nos conteúdos em áudio, o UNICEF alerta que nem todas as famílias têm acesso à internet de forma gratuita e podem baixar vídeos e conteúdos pesados, fazendo com que muitos meninos e meninas fiquem excluídos. "Com as escolas fechadas, há o risco de o isolamento social agravar as desigualdades nas aprendizagens, impactando especialmente meninas e meninos em situação de maior vulnerabilidade - entre eles, moradores de comunidades e periferias, indígenas e quilombolas, e crianças com deficiência", explica Ítalo Dutra, chefe de Educação do UNICEF no Brasil. "Deixa que Eu Conto foi pensado para alcançar todas as famílias, levando em consideração as diferentes realidades brasileiras", afirma.

Cada programa tem, em média, 30 minutos, e há diferentes opções para acessá-los. Quem tem Spotify pode seguir o canal gratuito do

UNICEF na plataforma. Outra opção é acompanhar os episódios diariamente no YouTube. Como não é preciso fazer download ou ter um app instalado, o canal do YouTube pode ser acessado facilmente mesmo por quem tem um pacote simples de internet.

Para as rádios, o UNICEF disponibiliza todos os conteúdos para download gratuito em seu site. Cada programa está dividido em quadros (contação de histórias, músicas e brincadeiras, entre outros), podendo ser editados pela emissora de acordo com o que melhor se encaixar no tempo disponível e na programação. O importante é fazer com que os conteúdos cheguem às crianças, em cada município brasileiro.

O UNICEF está, ainda, disponibilizando os podcasts em áudio, via WhatsApp, para que sejam compartilhados em grupos de gestores municipais, educadores, grupos de mães, etc. O conteúdo está, também, disponível na plataforma aprendendosempre.org, parceria de diversas organizações, entre elas o UNICEF, para contribuir com o direito de aprender de cada criança e cada adolescente, sem exceção.

O UNICEF defende que todas as propostas para auxiliar as aprendizagens em casa sejam desenhadas com foco na equidade, investindo mais para garantir oportunidades de aprendizagem a crianças e adolescentes vulneráveis, buscando entender as especificidades de cada contexto. Isso inclui organizar diferentes opções, como aulas e outros materiais complementares de aprendizagem online, via televisão ou rádio, adaptados às diferentes realidades.

Deixa que Eu Conto

Site UNICEF: <https://www.unicef.org/brazil/deixa-que-eu-conto>

Spotify: <https://open.spotify.com/show/090c1iE8GlmOzjdcygrXo?si=-E-sN-b3RkWkwW0oerST0w>

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=kW0LPWnV18A>

Saiba mais sobre o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em <https://www.unicef.org.br> ou nos perfis da instituição nas redes sociais.



Cultura Maker, uma possibilidade para a educação

Lauren Fabrin¹



Nossa capacidade de criar, recriar, transformar e adaptar é infinita. Saviani (2007) traz a perspectiva do trabalho e da educação como "atributos do homem" e apoia sua análise em estudos de Bergson, que diz que deveríamos ser chamados de Homo faber, não Homo sapiens, devido à nossa imensa capacidade de criar, de fazer ferramentas para fazer ferramentas, multiplicando de forma infinita as possibilidades de criação. A Cultura Maker vem ao encontro desta compreensão de ser humano, buscando despertar o que parece estar adormecido em nós como resultado de nossa cultura.

Existem vários olhares sobre a Cultura Maker ou, como também pode ser chamada, Movimento Maker, e, entre estes olhares, o Manifesto do Movimento Maker, escrito por Mark Hatch (2014), apresenta o movimento em nove princípios norteadores que podem ser apropriados por qualquer pessoa que queira adotar este estilo de vida. Fazer é o princípio mais importante e permeia todos os outros princípios. Está presente inclusive no nome que provém da língua inglesa, "make" que significa "fazer". Fazer é parte da expressão e materialização externa daquilo que somos, como uma extensão de nós mesmos, e por isso é tão importante e central para na Cultura Maker.

Outro princípio fundamental para o movimento é o compartilhar tanto aquilo que foi feito quanto conhecimentos e habilidades. Este princípio envolve os atos de ajudar e de ser ajudado, multiplicando conhecimentos, ideias e habilidades, e que podem acontecer em espaços coletivos físicos ou virtuais. Com este movimento de troca, os projetos individuais, antes limitados, são potencializados. Outra forma de compartilhar é dando nossas produções a outras pessoas. O princípio de dar a alguém algo feito por nós mesmo é profundo e dá sentido à produção, que carrega parte quem a fez.

O aprender é outro princípio indispensável para o movimento, pois é aprendendo e ensinando, que os projetos podem ser aprimorados. Na Cultura Maker não se pode parar de aprender. A brincadeira também faz parte do movimento, que é um elemento essencial para a produção, pois, segundo Hatch, construir é uma forma de brincar. Ele ainda acredita que a brincadeira é promotora de inovação, algo muito valorizado em nossa cultura. E, para construir e produzir, são necessários equipamentos, dos mais simples, como uma caneta, aos mais complexos, como uma impressora a laser.

No Manifesto Maker, Hatch faz um apelo ao leitor para que insira essa cultura em seu dia a dia, promovendo uma mudança em todas as esferas, tanto individuais como coletivas. A escola também pode se apropriar da Cultura Maker de diversas formas. Ter o fazer como algo central é uma forma de aprender, pois para fazer é preciso saber e é então que o conteúdo ganha sentido e propósito. Os princípios de compartilhar, de aprender e de ensinar também podem ser aproveitados em ambientes de educação, pois promovem uma interação colaborativa entre as pessoas.

Enfim, aos que aderirem à proposta do fazer e da cooperação, será experimentado um sentimento de satisfação e de realização por descobrir suas potencialidades no fazer e descobrir relevância naquilo que se faz e na interação com outros, que resulta na ampliação das ideias, dos projetos e do conhecimento.

Referências

HATCH, Mark. The maker movement manifesto. Nova York: McGraw-Hill, 2014.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan/abr 2007.

1 - Licenciada em Pedagogia pela UDESC

Norberto Dallabrida * Professor da UDESC e autor de "Ensino secundário público e de qualidade no antigo Instituto de Educação: Florianópolis, 1947-1963 (Editora da UDESC/Dois por Quatro Editora, 2017) - E-mail: norbertodallabrida@gmail.com

Aulas on line no mesmo horário das presenciais

Boa parte das escolas técnicas e privadas está ministrando as aulas on line no mesmo horário das aulas presenciais. Assim como nas escolas públicas, uma das maiores dificuldades foi desenvolver a familiaridade com as ferramentas de mídia on line e adequar os espaços da casa para ter não somente os equipamentos, mas também o ambiente que possibilite o silêncio e a atenção necessária à aprendizagem. Gestores e professores estão trabalhando muito mais pois, além das atividades regulares precisam aprender a usar as ferramentas e o ambiente digital, não somente para ministrar aulas, mas também para avaliar a aprendizagem.

A maior descoberta é a de que nada substitui o contato presencial professor x alunos. Na outra ponta das ondas da internet, pais e estudantes também tiveram que aprender a criar o espaço e ambiente adequados, as ferramentas digitais e equipamentos e, principalmente, a disciplina de estudar em casa.

As escolas e universidades passaram a usar ferramentas que eram subutilizadas nas aulas presenciais. Os professores tiveram que se reinventar e adequar todos os materiais para as aulas on line, trabalharam muito mais e, aqueles que disponibilizaram contato direto com alunos e pais via redes sociais, estão ainda mais atarefados.

Na outra ponta, os estudantes que preferem as aulas presenciais especialmente pela dificuldade de concentração no ambiente doméstico ou por não dispor de equipamentos e ou de conexão de internet. Aliás, se a internet se tornou a grande aliada da humanidade no combate à propagação do vírus, ela nunca foi tão compartilhada como nestes dias de isolamento social que acontece simultaneamente no mundo todo.

A programação comemorativa dos 25 anos do Instituto Irei, que transcorreu no dia 20 de março, foi adiada. Na noite do dia 16 de março, a escola fechou as portas das sedes de Joinville e Jaraguá do sul. A diretora Juliane Bauer tem sido modelo para as aulas práticas ministradas via internet.

Conforme determinação legal, as três primeiras semanas foram a antecipação do recesso de julho para os alunos. E foi este o período que a escola e professores tiveram para encontrar alternativas de possibilitar o estudo remoto. O desafio incluía ainda a seleção da tecnologia e a preparação dos professores para usar estas tecnologias e dar continuidade às aulas.

Superadas as resistências iniciais de alunos, professores e as dificuldades impostas pela tecnologia, no dia 6 de abril, as aulas foram retomadas para as 18 turmas dos cursos de massoterapia, estética e podologia, ao vivo via internet, no mesmo horário e com presença superior as das aulas presenciais.

O adiamento do retorno das aulas presenciais, de 20 de abril para 31 de maio, trouxe ainda mais preocupações. Seguindo no caminho aberto pela tecnologia, na semana do dia 27/04, além das aulas presenciais, foram realizadas as bancas de TCCs *on line*, de 32 alunos.

Produtos e modelos caseiros

Os exercícios práticos são demonstrados pelo professor durante as aulas e cada aluno deve executar com um modelo e produtos de casa. O relato das dificuldades e resultados do procedimento, são discutidos com os professores, que aceitaram o desafio de se reinventarem.

As avaliações também acontecem na mesma plataforma, por meio de vídeos e mensagens enviados aos professores. Juliane explica que estão planejadas aulas de reforço quando as aulas retornarem. Juntamente com a tarefa, o professor orienta os estudantes sobre quais materiais do cotidiano podem substituir os cosméticos, normalmente adquiridos em casas especializadas, que também estão fechadas no período da quarentena.

Segundo Juliane, no início foi muito desafiador, tanto para a escola, quando para professores e estudantes. “Alguns alunos relataram problemas com computadores e internet que

tinham que dividir com os outros familiares em casa. Na segunda semana as coisas já foram sendo equalizadas”, relata.

Aprenderam a usar a tecnologia

Danielle M. Moroski Cordeiro é aluna do último ano do curso técnico de massoterapia e estética e esta é sua primeira experiência em estudo a distância.

“Confesso que é bem difícil se adaptar. Não tem nem comparação com as aulas presenciais, mas estamos vendo a dedicação tanto dos professores como dos alunos para fazer isso dar certo, tanto em aprender a mexer no sistema online quanto em se esforçar para ter um bom aprendizado”, registra.



“As aulas teóricas são ótimas, conseguimos até se concentrar bem mais do que quando estamos no IREI, mas estamos preocupados com as aulas práticas. Vemos os professores tentando nos passar de uma forma mais simples. Mas mesmo assim, ficamos com receio de fazer algum movimento errado. Acredito que com as aulas extras iremos conseguir recuperar”, acrescenta a estudante.

O aluno **José Ricardo Santos** reconhece



Professor Alexandre, 16 anos no IREI, “está sendo um desafio o compromisso de trabalhar home office”.

que é um momento difícil para todos. Estudar direto de casa é mais confortável; mas, ao mesmo tempo, é muito fácil dispersar da aula para atender ao chamado de um filho por exemplo, e perder algo importante da aula. Acrescenta-se a isso, os problemas com a qualidade da internet.

O estudante explica que no início houve muita resistência às aulas on line, mas que os alunos “deram um voto de confiança para a escola. Reconhecemos que estudar em casa nesse momento é fundamental, para não perdermos especialmente a aprendizagem. As aulas são muito boas, os professores estão muito atentos e disponíveis inclusive no particular, e estão comprometidos com o que estão fazendo”, acrescenta.

Ele elogia ainda a disposição tanto dos professores, quanto da escola em ajudar tanto na aprendizagem, quanto no aspecto financeiro, visto que alguns alunos perderam seus empregos.

“No início tivemos resistência porque a gente paga para ter aulas presenciais. Eu aprendo mais nas aulas presenciais, mas em reuniões já ficou determinado que, quando tudo voltar ao normal, teremos aulas para tirar as dúvidas e garantir nossa formação”.

Ansiedade e insegurança

O fisioterapeuta e professor **Alexandre Peixoto Bueno**, com 16 anos de experiência no IREI, disse que está sendo um desafio. “Tivemos que respirar fundo e trabalhar muito, junto com o IREI, para transformar as aulas presenciais em online. Foi tudo novidade sem tempo para testes para superar esse desafio. De uma semana para outra, as escolas, professores e alunos precisaram se reinventar. A aula online virou uma realidade e todos tiveram que se adaptar do dia para a noite”, reitera.

“Essa situação atípica de quarentena ge-

rou ansiedade e insegurança, não apenas da contaminação em si, mas também no aspecto profissional e psicológico”.

“Colocamo-nos à prova todo o tempo. Nos perguntamos se podemos realizar o ‘novo’ saindo da zona de conforto. A profissão professor é considerada tradicional, porém, adaptar-se a um mundo cada vez mais moderno e cheio de interações tem sido cada vez mais, uma obrigação, independente da quarentena”, continua.

Assim como milhares de professores, Alexandre precisou desenvolver um método para ministrar aulas *online* e teve de reorganizar a rotina em casa. “Montei uma pequena sala de aula na minha sala. Aprendi a fazer vídeos e usar uma plataforma digital. Com criatividade e planejamento, estou me ajustando a esse novo modelo pedagógico. Assim como eu, os alunos também”, acrescenta.

“Além dos desafios, como professor, temos a responsabilidade de manter a atenção dos alunos em frente ao computador ou celular. Minhas aulas são síncronas, permitem a participação direta dos alunos com questionamentos, dúvidas e posicionamento. Isso facilita o entendimento do assunto e gera mais confiança para os alunos. Durante a semana, eles podem tirar dúvidas via whatsapp”, explica.

Já para a professora **Fátima Correa**, que tem 14 anos de experiência em aulas presenciais no IREI, a adaptação à plataforma foi mais fácil, mas muito trabalhosa. “Dou as aulas com o auxílio de alguém que filma para mim. O mais difícil foi a transformação, a adaptação do material das aulas presenciais para slides.

“Porque eu não tinha tanta habilidade para usar a plataforma. Estava em recesso, mas trabalhando muito para adaptar todo o meu material”, explica.

“No início ficava muito tempo respondendo o aluno no whats, agora montei grupos por turmas. Percebi que a dúvida de um, pode ser a de

muitos da turma. Nunca fiz esse tipo de aula, mas a necessidade nos obrigou. Acho que todos os professores estão sobrecarregados, mas a gente está dando conta”, registra.

A professora de estética ministra as aulas práticas e orienta os alunos de quais produtos encontrados em casa, podem substituir os cosméticos, que seriam usados nas aulas presenciais. Os alunos fazem o procedimento em casa com um familiar, filmam ou fotografam e encaminham para a professora que avalia.

“Pelo feedback que tenho dos alunos, acredito que estão tendo um aproveitamento igual ao que tinham nas aulas presenciais. “Do meu ponto de vista está sendo bem produtivo, bem aceito. Porque os alunos do curso técnico precisam terminar o curso para entrar conseguir um trabalho.

“Como professora prefiro as aulas presenciais, é muito mais fácil, porque você está olhando no olho do aluno, acompanha de perto.

Mas a necessidade nos obrigou

e estudamos muito para conseguir dar conta e montar uma nova aula, uma aula inovadora, que empolgue o aluno, para que ele não sinta que está perdendo algo. Porque a qualidade da nossa aula não pode baixar”, enfatiza.

“A julgar pela qualidade das avaliações, dos trabalhos que mandam e pela participação, sinto que é uma grande colaboração dos alunos e professores para tornar esse momento menos difícil. Com tudo isso, a gente está aprendendo a ser um professor diferente e o aluno está se adaptando bem. Apesar de todas as dificuldades que sei que a gente ainda vai ter na educação, está sendo produtivo e bem positivo pro aluno”, registra a professora.

“Digo para os alunos que estamos vivendo um momento histórico juntos. Um momento muito importante para a humanidade, em que temos de nos adaptar. E que só vou conseguir com a ajuda deles. Acredito que isso incentiva a não desistirem e se dedicarem a aprendizagem”, finaliza.



Despigmentante de manchas facial caseiro

Ingredientes:

Chá de camomila frio, borra de café, água de arroz, argila branca, óleo de coco e protetor solar.

Modo de fazer:

- 1) Higienizar com chá de camomila frio
- 2) Esfoliar com borra de café
- 3) Tonificar com água de arroz
- 4) Aplicar máscara despigmentante por 20min (misturar 1 colher de argila branca para 2 de água de arroz)
- 5) Retirar completamente a máscara.
- 6) Aplicar óleo de coco com massagem facial.
- 7) Finalizar com protetor solar.



Alunos do curso de estética aprendem a fazer gourmet terapia.

Acesse o portal do Jornal da Educação e mande seu artigo científico ou de opinião, resenhas e relatos de experiência pedagógicas para a comissão científica da 3ª edição JECC.

www.jornaldaeducacao.inf.br/jecadernocientifico.html



O Corona Vírus mostra a nós, brasileiros, uma face de nós mesmos que nos assusta: a falta de empatia e de solidariedade.

Vimos atônitos o episódio do atual presidente tocando o povo aglomerado numa manifestação em plena pandemia e dizer que acha que o tema é só histeria da imprensa, que a Pandemia de Corona Vírus é apenas um resfriado e, que se ele pegar, vai se curar.

Nesse triste episódio vê-se, além de ignorância sobre o Vírus (da parte de quem deveria estar cercado de informações e ações preventivas), nada entender de pandemia, da letalidade em escala geométrica, nota-se neste senhor a total falta de empatia com as pessoas, pois o problema é maior que apenas pegar a doença; o dano maior é passar o vírus e fazer adoecer muitos, aumentando as chances de morte, de sequelas respira-

distribuição de renda e de oportunidades.

Agora, jogamos a cena para a sala de aula. Em cada turma, existem os bons alunos, os medianos e aqueles que têm dificuldades ou transtornos de aprendizagem. Mas o professor é formado e treinado para educar para a maioria, dentro de parâmetros de aprendizagem pré-estipulados, pensando no que a maioria aprende ou tem de aprender, assim como esta base é levada em conta na hora de fazer a avaliação, de escolher as questões e os assuntos em prova.

A Educação deve ser para todos, inclusive para aqueles que não aprendem na mesma velocidade ou não assimilam o mesmo volume de informações esperado pelos professores. Parece que o aluno que não aprende incomoda, dá mais trabalho, exige mais planejamento de aulas, questões e alternativas didáticas. O professor precisa lembrar-se que as aulas de

de ensinar. Parece que há uma inversão de valores, uma distorção, tão comum nesses tempos de polarização, mas anormal.

Fazer diferente dá trabalho. No começo, preparar um conteúdo a mais, com resumo, ou mais gravuras, ou mais exemplos, pedir para pesquisar determinados temas e apresentar o que se aprendeu, pode dar mais trabalho. E dá. Mas dá muitos resultados surpreendentes, salva vidas, desperta para um mundo de descobertas que melhora a vida de tanta gente.

Hoje, vi provas de alunos que acompanho, quando fui a uma das escolas que visitei. Fiquei chocado... não com a prova, mas ao refletir sobre como é a cabeça do professor ao elaborar a prova, sabendo que na sala há alunos que não saberão metade sequer das questões. Azar dele? Nada disso! Todos aprendem, dentro de suas capacidades e suas necessidades. Basta achar os canais

CORONA VÍRUS E A INCLUSÃO

tórias, prejuízos financeiros e superlotação dos hospitais. A falta de empatia é a face repugnante que muitos tampam, mas o Corona Vírus escancara: Não somos empáticos e, para a maioria, os outros que se danem. E falta de empatia é contagiosa!

O álcool gel acabou porque muitos compraram além do que precisam e estocaram. Então, outros tantos ficaram sem a proteção. Onde apareceu um estoque de álcool gel veio a ganância de comerciantes e intermediários que triplicaram o valor, assim como os preços das máscaras dispararam. Hoje, no Recife e em João Pessoa, assim que saiu o anúncio da suspensão das aulas, mercados grandes ficaram tão cheios de gente comprando todo o estoque, que muitos fecharam suas portas.

Tais exemplos mostram a ganância do brasileiro médio, a falta de empatia, a divisão de classes entre quem tem dinheiro e quem não o tem, sendo que existem dois Brasis: um onde os mais abastados se protegem e se esquivam de suas responsabilidades sociais e outro de pobres, que vivem a servir os ricos, mas não possuem estrutura, visão e formação para se unirem e tentarem equalizar a

planejamento e a presença do supervisor escolar, do coordenador pedagógico ou do psicopedagogo institucional é justamente para planejar formas diversas de ensinar e de aprender. De se pensar e repensar sobre as modalidades de aprendizagem e as características de aprendizado dos alunos que fogem à média. Tanto exigir de quem pode mais, para que as aulas não fiquem chatas, quanto preparar alternativas, desafios, atividades lúdicas e novas técnicas para aqueles que aprendem de forma diferente, limitada ou não.

Mas assim como uma pessoa que te repreende por jogar papel no chão ou por estocar comida em tempos de pandemia é vista como chata, mesmo estando certa, é visto como chato os pais e profissionais que cobram dos professores e das escolas a elaboração de formas de ensino e de avaliação que incluam metodologias diferenciadas e inclusivas para os alunos com aprendizagens e ritmos diferentes. Estes psicólogos, supervisores, pedagogos e psicopedagogos são vistos como muito cri-cris, mesmo estando certos. E recebem pressão por pedir o que é certo, sendo que o próprio professor deveria ter gosto

certos, para incluir e ampliar horizontes!

Inclusão é empatia. Inclusão não se faz trazendo alunos para a escola e jogando conteúdos infantilizados de livros dos anos anteriores. Inclusão não é manter em sala por 5 horas um aluno que mal segura a cabeça, manter em sala pessoas com seríssimos atrasos cognitivos. Tampouco inclusão é facilitar; A inclusão escolar é dar é dar a oportunidade das pessoas com deficiência ou com transtorno de aprendizagem ensinarem aos “sem deficiência” o que é tolerância, solidariedade, simplicidade, apoio mútuo, empatia, humildade e trabalho em equipe, além de respeito ao outro e às suas características.

Para que nas pandemias futuras, nas crises sociais e principalmente todos os dias, brote de cada coração a SOLIDARIEDADE nos futuros adultos. Para que vejamos que o pensar no outro é o que mantém uma sociedade equilibrada, pessoas felizes, um país sem roubo, sem violência, sem problemas para alcançar sonhos, para superarem seus limites.

* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura. E-mail: psicogilmar@gmail.com

[@psicogilmar](https://www.facebook.com/psicogilmar)
facebook.com/psicogilmar



Fernando Bastos

A pandemia causada pela Covid-19 tem mostrado que uma parte da população ainda despreza o valor da Ciência, e joga toda a responsabilidade pela extinção dessa doença que assola a humanidade somente a Deus.

Como disse Albert Einstein, “A ciência sem religião é manca, a religião sem a ciência é cega”. Nesses tempos difíceis, Deus e fé têm acalmado os corações de milhões de pessoas e acionado a luz da esperança de que em breve os cientistas encontrarão a vacina

sitivo para a doença em 27 de março. Foi hospitalizado e está curado. No início de março, Johnson subestimava o poder do vírus. Precisou contrair a doença para mudar de opinião.

No Brasil, o presidente faz declarações quase que diárias diminuindo a gravidade do vírus e pedindo o fim do isolamento social. No momento em que escrevo, o Brasil tem mais de 2.500 mortes registradas.

O prefeito de Duque de Caxias (RJ) pediu que os templos ficassem abertos, porque a cura viria de lá.

FÉ, CIÊNCIA E O NOVO CORONAVÍRUS



que derrotará o novo coronavírus, um vírus dez vezes mais mortal do que o H1N1, segundo a OMS.

Mas é preocupante que, com todos os alertas, algumas autoridades políticas e religiosas mundo afora insistem em diminuir o problema, e incentivam o fim do distanciamento social, contrariando as recomendações de especialistas.

O primeiro-ministro da Inglaterra Boris Johnson teve seu teste po-

Teste positivo para o coronavírus, foi internado em um hospital da capital. Com sinais de melhora, saiu do CTI e se recupera bem.

O pastor americano Landon Spradlin divulgava que a pandemia era uma histeria. Morreu vítima da Covid-19. Outro pastor evangélico americano vítima da doença: Gerald Green. Ele desrespeitava as regras do distanciamento e celebrava normalmente os cultos em sua igreja.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos

Estudo não presencial entra no computo das 800 horas letivas

O Ministério da Educação -MEC flexibilizou o ano letivo de 2020, atingido em cheio pela pandemia de COVID-19. Escolas de educação básica estão desobrigadas de cumprir os 200 dias letivos. No dia 28 de abril, o CNE regulamentou o uso das horas de ensino não presencial no computo das 800 horas, que continuam a ser obrigatórias.



Secretária de Joinville fez pronunciamento orientando estudo remoto

No dia 6 de fevereiro de 2020, foram estabelecidas as primeiras medidas de enfrentamento da situação de emergência de saúde pública, para possibilitar a repatriação de brasileiros que estavam em Wuhan, cidade berço do Coronavírus na China. Desde aquele dia, o Brasil começou a preparar hospitais e profissionais da saúde para o enfrentamento da pandemia, que todos sabiam que viria em algum momento.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou a pandemia, somente no dia 11 de março, quando já atingia 114 países, inclusive o Brasil. No dia 26 de fevereiro, o

país registrou o primeiro caso. Um homem, de 61 anos, que havia viajado para a Itália no início do mês e deu uma festa para a família no retorno. O morador de São Paulo, foi também o primeiro registro da doença em toda a América Latina.

Em Santa Catarina, as aulas foram paralisadas no dia 19 de março, inicialmente por um período de 30 dias. As duas primeiras semanas foram antecipação do recesso de julho.

No entanto, no início de abril, as atividades foram suspensas até 31 de maio. No fechamento desta edição, não havia data para retorno das atividades presenciais nas escolas e

do transporte público.

Desde então, entre o medo da contaminação pelo vírus e o nascimento de uma nova maneira de viver dentro de casa, professores e estudantes tiveram que se reinventar para continuar os estudos.

Com a sistematização das aulas remotas, a partir de 22 de abril, as dificuldades de impor uma rotina de estudos começaram a trazer uma outra categoria de divergência nos lares.

“Ele não quer fazer, reina com os pais, fica adiando, fala o tempo todo e não me deixa trabalhar”, são alguns dos desabafos corriqueiros dos pais.

Foi um susto para todos

“Foi um susto para todos nós”, disparou a secretária de educação de Joinville, Sonia Victorino Fachini, referindo-se ao anúncio oficial pelo governador do estado, sobre o fechamento das escolas por 30 dias a partir de 19 de março.

“No mesmo dia, a equipe da Secretaria começamos a procurar soluções em conjunto e a manter contato com as famílias, sempre por meio das escolas”, explicou.

Por outro lado, como membro da diretoria da Undime/SC (União dos Dirigentes Municipais de Educação de Santa Catarina), Sônia participou também dos grupos de discussão e estudos sobre as possibilidades de cada um dos 295 municípios darem continuidade ao ano letivo de 2020.

Segundo a diretora da Undime-SC, doze municípios catarinenses não têm sistema próprio de ensino. E, dos 225 restantes, somente 138 haviam iniciado, até o dia 22 de abril, atividades de ensino não presencial. Outras 67 cidades, estavam iniciando a implementação do ensino remoto e 20 municípios ainda não haviam iniciado qualquer movimento neste sentido.

Assim como os secretários municipais, os gestores educacionais e professores passaram dias mergulhados num turbilhão de reuniões virtuais, na maioria das vezes, a primeira da própria história de vida. Ao mesmo tempo, foram aprendendo os comandos dos programas e estudando a legislação que regulamenta os sistemas de ensino.

Não havia e ainda não há certezas, de como e quando a aprendizagem acontecerá ou será avaliada neste ano letivo de 2020. A única certeza é a de que é preciso cada um fazer o seu melhor para fazer a transição do presencial para o ensino remoto



Com dificuldade de concentração, Miguel adia constantemente a feitura das atividades

e garantir a aprendizagem mínima necessária e possível neste momento de exceção da história da humanidade.

Em duas semanas, foi necessário reinventar o modo de planejar, ensinar e aprender. O modelo de ensino presencial foi sendo transmutado para o ensino a distância (ou remoto). Ao mesmo tempo, considerar a diversidade de situações de vida dos estudantes, desde as tecnologias disponíveis ou não, ao desemprego; e até a possibilidade da criança estar convivendo de perto com a doença e com a morte de familiares.

O antigo modo de ensinar e aprender nas escolas e universidades de todo o Brasil foi a base para preparar a rápida transição. Ao mesmo tempo, as famílias foram renovando a convivência dentro das

próprias casas, de espaço para lazer, tiveram que ser transformadas em sala de aula.

No dia 28 de abril, em reunião online, o Conselho Nacional de Educação redefiniu a reorganização do calendário escolar, normatizando o uso das atividades não presenciais, no computo das 800 horas letivas. Cada sistema de ensino deverá detalhar esta reorganização, considerando as peculiaridades do próprio sistema.

O CNE alertou ainda para a necessidade de fazer uma avaliação diagnóstica com os alunos quando retornarem as atividades presenciais, bem como de garantir a aprendizagem dos conteúdos mínimos estabelecidos pela BNCC a todos os estudantes.

Novas matrículas e Merenda

Até meados de abril, o sistema da rede municipal efetivou 293 novas matrículas, a maioria transferidos de escolas privadas. “Acredito que as incertezas sobre a economia após a pandemia contribuíram para os pais tomarem essa decisão”, esclareceu a secretária.

A distribuição de merenda escolar às famílias em vulnerabilidade estão sendo coordenada por uma

equipe composta por profissionais das secretarias de educação e de assistência social.

Num primeiro momento, os produtos da merenda que estavam nas cestas básicas entregues às famílias do Cadastro Único. Até o fechamento desta edição, a prefeitura ainda não tinha definido qual modelo seria adotado dali em diante.

Sem data para retornar em SC

A secretaria de Educação de Joinville, disponibilizou em sua página da Prefeitura (www.joinville.sc.gov.br/coronavirus), a partir de 6 abril, uma série de atividades, preparadas pela equipe técnica da própria secretaria.

Os estudantes sem acesso à internet podem pegar o material impresso na escola. Para atingir a um número cada vez maior de alunos, as atividades estão sendo lidas durante a programação da Rádio Joinville Cultural FM 105.1.

Com o fim do recesso, os 3200 professores passaram a planejar e postar atividades semanalmente nas suas salas de aula virtuais, uma para cada turma, dos 74 mil alunos. As turmas criadas na plataforma Google Sala de Aula, são supervisionadas e orientadas pela equipe gestora e pedagógica de cada escola e da SED.

Os professores fazem o controle de frequência e avaliam os alunos via internet. O professor trabalha de casa e disponibiliza as atividades na plataforma, se tiver dificuldades, deve buscar ajuda na própria escola.

Os estudantes fazem as atividades e retornam para os professores por meio de fotos ou na própria plataforma.

Os alunos sem acesso à internet ou equipamentos, podem pegar os materiais impressos e entregar as atividades diretamente na escola.

O controle de presença nas salas virtuais é feita seguindo os parâmetros do ensino presencial. Cabe à escola contatar à família dos faltantes e, em casos de negligência familiar, encaminhar ao Conselho Tutelar para providências.

Segundo a Secretária Sônia, neste momento, o programa que entre-

gou notebooks aos professores da Rede, implementado desde 2013, foi fundamental. Os professores sem computadores ou internet em casa ou com dificuldades em lidar com a tecnologia, devem entregar as atividades na unidade escolar ou fazer a postagem com a ajuda da equipe da unidade escolar.

“A gente sabe que esse momento é ímpar, tanto para nós quanto para o professor e estamos satisfeitos com o que todos estão fazendo para chegar à família que precisa dar suporte para seus filhos estudarem. Sabemos que é preciso manter esse contato do professor com o aluno, porque essa relação é muito importante para manter a rotina e o estudante continuar aprendendo. Pode não estar sendo o ideal, mas é o temos para enfrentar esse momento”, enfatizou a Secretária.

Principal dificuldade é avaliar

“A maior dificuldade é a avaliação”, disse a professora KGR, que trabalha com turmas das séries iniciais da rede municipal de ensino de Joinville. “Eles mandam foto e avaliar por foto é muito difícil. Além da qualidade, não posso ter certeza se aquela atividade representa o conhecimento adquirido. Então, o pior é saber como avaliar o aluno de forma adequada”, declarou a professora.

“Recebi muita reclamação dos pais quando tive contato com eles para entregar livros. Todos reportaram que a criança não quer estudar. Reina, briga, chora. Está muito difícil para as famílias também. Muitos pais trabalham o dia todo, alguns de casa, outros não pararam e só podem acompanhar a criança na internet à noite”, relata.

“Eu entendo os pais, vejo como é a situação aqui em casa. Tenho três filhos e nós dois estamos trabalhando de casa. Principalmente nas primeiras semanas foi muito difícil, teve dias que trabalhei das sete da manhã

até as 11 da noite para dar conta. Ainda bem que tenho o meu marido que ajudou com as crianças”, contou.

“Mas como ele estudou poucos anos e está muito tempo fora da escola, tem dificuldade para ajudar nos conteúdos. Então o meu filho mais velho, é quem ajuda o irmão menor com as atividades”, conta.

Planejar para outro

A professora está preparando aulas que envolvam experimentos bem simples usando materiais do dia a dia das casas, mas como não conhece a realidade da casa dos alunos, considera muito delicado fazer as escolhas.

“Eu sempre trabalho com conceitos, porque sei que não estarei lá para explicar para o aluno. Então incluo links de pequenos vídeos, para ajudar a compreender o conteúdo. Como só cerca de 40% dos alunos estão entrando na sala virtual, também

incluo conceitos no material escrito para aqueles alunos que vão trabalhar com o material impresso que vão pegar na escola”, explica.

“Não é fácil, não temos referências de planejamos para este tipo de ensino. Na verdade eu tenho que estar pensando em dois tipos de aluno, aquele que tem a tecnologia e vai clicar naquele vídeo e assistir o filme que planejei. E também para aqueles que vão pegar a apostila na escola e fazer as atividades em casa com ou sem ajuda”, acrescenta.

A professora acrescenta ainda que a cobrança sobre si mesma é muito grande. E que, além de apresentar o planejamento semanal, como já fazia normalmente no presencial, agora precisa planejar as atividades remotas para outra pessoa trabalhar o conteúdo com o aluno. “Uma pessoa que eu nem sei quem é, e talvez também não saiba aquele conteúdo para ajudar a criança”, completa.

Presencial é melhor

Bruno Rossi é aluno do 2ºEM Inovador, na EEB Profª Jandira D’Avila e considera que o volume e o grau de dificuldades das atividades disponibilizadas pelos professores na sala virtual estão aquém do que fariam se estivesse nas aulas presenciais.

Além disso, em casa pode usar as ferramentas da internet e pesquisar imediatamente o conteúdo. Isso torna tudo bem mais rápido. Segundo ele, somente o professor de educação física não disponibiliza atividades.

“Na sala de aula, temos que pesquisar no livro, perguntar pro professor ou conversar com os colegas, um ajuda o outro, principalmente os que sentam próximos.

E é exatamente da interação com os colegas que Bruno mais sente falta.

“Na plataforma todo mundo conversa com todos, é mais fácil passar a resposta um pro outro, todos interagem”, conta.

Apesar disso, considera que, para quem realmente quer estudar, a aprendizagem é praticamente a mesma. “Até porque tem algumas matérias, interpretação de texto de português, por exemplo, que não tem como saber interpretar um texto olhando o trabalho do outro”.

Muita paciência e regras firmes

O marido da professora KGR, Valcir Rossi é representante comercial de produtos alimentícios e trabalhou de casa durante todo o período de isolamento social. Os contatos, divulgação dos produtos e pedidos são feitos via internet. “Acabei trabalhando um pouco mais, porque tive que criar propagandas dos produtos para mandar para os clientes por internet.

É ele quem compartilha o computador com os três filhos: Bruno, 16 anos – 2ºEM; Miguel, 10anos – 5ªsérie e Leticia, 6anos -1ºano. Como estudou somente até a 5ªsérie, está aprendendo ao mesmo tempo em que auxilia os filhos menores nas tarefas da escola. E por esta razão, conta com a ajuda do filho mais velho.

Segundo Valcir, o fato da mulher ser professora complicou ainda mais sua rotina. “Ela estava trabalhando bem além das 40 horas semanais. Conversamos e estabelecemos um horário limite de trabalho, porque isso estava prejudicando as atividades aqui em casa e cada um tem que fazer a sua parte, especialmente com os filhos”.

Para ele, uma das grandes dificuldades é estabelecer uma rotina de estudos. Cada filho tem seu tem-



po e modo de aprender. “O Miguel aprende melhor logo cedo, quando está tudo em silêncio. Leticia precisa de atenção o tempo todo, porque está no primeiro ano.

Paciente, explica que “na cabeça deles o difícil é entender que precisam estudar como se estivessem na escola”.

Em sua opinião, a convivência da família ficou ‘bem mais quente’. “A energia deles é grande. Eles não têm parada. A gente tenta colocar algumas regras, mas é muito difícil. O tempo ocioso é muito grande, todo mundo estressado.. Então, tem que ter muita paciência”, sentenciou.



Coordenação: Professor Dr Leandro Villela de Azevedo

Vivemos em uma época difícil de se tratar de outro tema que não o COVID-19. Sinceramente pensei em escrever sobre algo nada relacionado e assim trazer alguns minutos de distração aos olhos de quem lesse, mas ao invés disso prefiro trazer esperança cumprindo meu papel social de historiador. Embora eu, assim como todos os demais historiadores, não possamos realmente prever o que está por vir, posso comparar a situação atual com as demais e trazer boas novas. Quase sempre após grandes pandemias a sociedade se reinventa para melhor:

Recentemente o historiador Joshua Mark, criado da Ancient.eu (Enciclopédia de História Antiga) publicou um trabalho onde mostrava uma relação entre as principais epidemias e as transformações históricas, eu como medievalista completo a lista até os dias atuais

Atenas – em 431AC uma terrível epidemia assolou Atenas no meio da guerra do Peloponesso (Atenas contra Esparta pelo poder hegemônico na Grécia) – A epidemia foi catastrófica, sintomas complexos que não se remetem a nenhuma doença moderna (embora alguns médicos tentem assemelhar em parte a doenças atuais)

A Hora é Agora

fizeram a cidade ter grandes perdas e inclusive posteriormente ser derrotada por sua rival Esparta. Mas mais do que isso abriu espaço para a entrada de Alexandre Magno que vai fazer com que a cultura e a filosofia grega até então muito restrita a um pequeno espaço fosse disseminada em três continentes, sendo uma das maiores revoluções culturais e científicas da história

Império Romano – Com três grandes pestes durante a sua época de Crise (Antonina, Cipriano e se Siracusa) a religião romana e o modo de vida romano vão começar a ser muito contestados, a morte de muitos escravos e falta de mão de obra fará as pessoas adorarem outra forma de trabalho, chamado colonato (trabalho livre).

Também uma religião que até então era considerada secundária e perseguida vai ganhar respeito pois vai propor uma forma diferente de enxergar o mundo, o cristianismo. Há historiadores que vem essas pragas como um dos fatores que impulsionou a propagação dos cristianismo na época até se tornar a religião oficial do império.

Peste Negra – A peste negra, que foi a doença que proporcionalmente mais matou, sendo um terço da população europeia em um período de 3 anos (1347 a 1350) irá abalar profundamente a forma de se pensar da época. Vai gerar falta de mão de obra especializada, onde vão passar a valorizar muito

mais trabalhos de artesãos como ferreiros, ourives, entre outros. Até a servidão será deixada de lado em muitos locais que precisavam pagar camponeses para atrair nova população ao local. A crença na Igreja católica vai ficar abalada como solucionadora de problemas “mundanos”, abrindo espaço para a reforma luterana e para a igreja católica se reinventar na chamada contra reforma. Mas mais importante que tudo isso a mente das pessoas em geral vai começar a caminhar para o ser humano como foco, as ciências e as artes, surge o chamado humanismo típico do renascimento que se inicia justamente neste século XIV, o século da peste.

Gripe Espanhola – No meio da 1ª Guerra Mundial surge a epidemia de gripe espanhola (na verdade foram 3 epidemias de vírus influenza que se mesclaram em épocas muito próximas, a primeira se iniciando nos estados unidos e as demais com foco na Europa, ocidente e oriente) A população mundial já tinha motivos de sobra para se assustar com os horrores de uma guerra a nível mundial, como se não bastasse ainda em conjunto a pior pandemia mundial em termos de total de mortos, 50 milhões (estima-se que as mortes indiretas ultrapassem 100 milhões, uma vez

que com a sobrecarga do sistema médico outras doenças deixam de ser tratadas e aumenta-se também o número de mortes mesmo por outros motivos) – Apesar do terrível horror, o mundo sai muito fortalecido, os anos 20 são considerados um ano de incrível explosão científica e cultural e bom ânimo para o mundo. Surge o comitê científico internacional baseado na liga das nações com o objetivo de popularizar a ciência para o mundo, os maiores cientistas da época (até Einstein e Marie Curie entre eles) viajam a vários países, inclusive o Brasil.

O que antes era uma corrida “cada país por si” passa a ser uma corrida da humanidade em prol do avanço científico. Populariza-se o rádio, os automóveis, grandes avanços na medicina e na aviação. Além de que duas novas potências começam a ganhar destaque, a URSS e os EUA (que na prática após a 2ª Guerra vão se tornar as únicas potências

Se no texto anterior defendi que pandemias não trazem paz, neste defendo que elas trazem reflexão. A hora da humanidade dar uma guinada para melhor é agora.

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.

Mande seu artigo para a próxima edição do JECC



Pesquisados, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela Comissão Científica que prepara a Terceira edição da revista científica da educação.

Acesso nossa página e verifique as regras para envio. Contatos podem ser feitos pelo e-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br ou whats (47) 984150630.

As duas primeiras edições do JECC, a revista científica digital do Jornal da Educação estão disponíveis no endereço: www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html, sem restrição de acesso.

A segunda edição teve a coordenação científica de Norberto Dallabrida (UDESC) e Douglas Leutprecht (UNISOCIESC).

Composta de cinco artigos e uma resenha, entre os artigos, dois tratam de questões metodológicas: “Importante contribuição do jogo da velha na aprendizagem do jogo de xadrez nas series iniciais do EF” e “Guerra Fria na terra do samba em ‘O homem do Sputnik’: o uso do cinema na sala de aula”.

O artigo A Investigação Psicopedagógica Inicial: A Anamnese Como Base do Diagnóstico Eficaz escrito pelo colunista do JE Gilmar de Oliveira, publicado na primeira edição tem cerca de 19000 acessos.

A Comissão científica coordenada por Norberto Dallabrida já está analisando, emitindo parecer e selecionando os trabalhos para a terceira edição.

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.

Dicas para manter o foco ao estudar em casa

O Ensino à distância (EAD) é uma modalidade em crescimento no Brasil. É a melhor opção, e muitas vezes a única, de levar ensino de qualidade aos locais mais remotos do planeta. Lugares em que professor e aluno só se encontram por meio das ondas da internet.

Com o isolamento social, a melhor maneira de barrar o crescimento exponencial de mortes causadas pela COVID-19, a modalidade passou a ser a única alternativa para dar continuidade aos estudos no Brasil, inclusive para aqueles que optam pelos cursos presenciais e as crianças da educação básica.

1- Organize o tempo e o espaço de estudo

Criar uma rotina de estudo é essencial. Estude no mesmo horário, local, com iluminação adequada, silêncio e tranquilidade que favoreçam a atenção. Deixe no local apenas o material e um copo de água.

2- Estabeleça Prioridades

Comece a estudar, priorize e reserve mais tempo para as disciplinas em que você tenha maior dificuldade. Comece por elas. Procure conteúdos, faça mais exercícios, além dos propostos, assista vídeo e aulas complementares. Mas não negligencie as demais disciplinas.

3- Tire as dúvidas na hora

Aproveite as vantagens que a tecnologia oferece. As escolas e professores estão disponibilizando chats, fóruns, mentorias,

entre outros recursos. Use-os para tirar as dúvidas. Além das escolas e professores, talvez alguém em sua casa ou da sua família possa tirar sua dúvida. Há muitas comunidades na internet e você pode fazer grupos com os colegas de turma, para procurar ajuda. Não hesite em perguntar e pesquisar por conta própria.

4- Fuja das ciladas, mantenha o foco

Evite a cilada das redes sociais, aplicativos de mensagens e afins, durante os estudos. Você está aprendendo uma nova forma de usar a tecnologia a seu favor. Ela também pode ser uma cilada. Concentre-se apenas nos conteúdos e exercícios do tema que está estudando naquele momento. Evite conversar sobre outros assuntos com as pessoas de sua casa durante o tempo de estudos. Com foco, você otimiza seu tempo e assimila melhor.

5- Durma bem, exercite-se e descanse

Dormir bem (no horário habitual e longe de equipamentos eletrônicos), fazer exercícios físicos regulares e atividades prazerosas como ouvir música e assistir séries e filmes, ajuda a manter o equilíbrio mental e resulta em aumento da produtividade intelectual. Equilibre o tempo de estudos, de lazer, de dormir, de se exercitar e de conversar com os amigos, isto trará benefícios ao cérebro. Tenha uma rotina “leve e tranquila”. Faça o seu melhor, mas sem cobrança exagerada, isso gera mais estresse e ansiedade, que prejudica a aprendizagem.



IREI Clínica

Estética Facial

ACNE, OLHEIRAS
CLAREAMENTO DE MANCHAS
PEELING DE DIAMANTE, QUÍMICO E ENZIMÁTICO
FOTOTERAPIA FACIAL
REJUVENECIMENTO, FLACIDEZ
ALOPECIA (QUEDA DE CABELO)
LIMPEZA DE PELE PROFUNDA
DRENAGEM LINFÁTICA FACIAL
MICROCORENTES, DEPILAÇÃO FACIAL
REVITALIZAÇÃO, HIDRATAÇÃO PROFUNDA

Estética Corporal

ESTRIAS E CELULITE
FLACIDEZ CORPORAL
GORDURA LOCALIZADA E FOLICULITE
DEPILAÇÃO E CLAREAMENTO DE PELOS
PRÉ E PÓS OPERATÓRIO
GOMAGEM + HIDRATAÇÃO CORPORAL
LASERTERAPIA E TRATAMENTOS COM APARELHOS

Massagens

SHIATSU, RELAXANTE E SUECA
DRENAGEM LINFÁTICA
TERAPÊUTICA DA COLUNA
PONTOS DE TENSÃO COM LASER
E DESATIVAÇÃO MANUAL

Podologia

ONICOMICOSE
UNHAS ENCRAVADAS
CALOSIDADES
VERRUGA PLANTAR
FISSURAS, RACHADURAS
CORREÇÃO DA CURVATURA DA UNHA
CUIDADO COM OS PÉS DIABÉTICOS



PROFESSOR, seu trabalho resultou em aprendizagem?

Chame o JE para fazer a reportagem e compartilhar com seus colegas professores que poderão multiplicar o conhecimento.

E-mail: jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br
Fones: (47) 34336120 e 984150630 - Whatsapp

www.facebook.com/Jornal da Educação
www.jornaldaeducacao.inf.br